

UM VIÉS BAKHTINIANO PARA A (AUTO)BIOGRAFIA NA SESSÃO DE PSICANÁLISE

A BAKHTINIAN PERSPECTIVE TOWARDS (AUTO)BIOGRAPHY IN THE PSYCHOANALYTIC CONTEXT

Eduardo da Silva Moll¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: O interesse do Círculo de Bakhtin em relação à psicanálise pode trazer importantes contribuições para os estudos que se desenvolvem sob o método sociológico de Volóchinov, sob a metalinguística de Bakhtin ou sob a poética sociológica de Medviédev. Volóchinov, em *O freudismo*, presta sua contrapalavra à psicanálise pelo viés da interação discursiva. As respostas verbalizadas entre analista e analisando são vistas como denominador comum da interação que ocorre na sessão de psicanálise. Dada a relevância da troca verbal na sessão de psicanálise, o presente trabalho compreende, pelas lentes bakhtinianas, a troca verbal entre analista e analisando como manifestação de valores (auto)biográficos no dizer de si do analisando, a que o analista presta sua contrapalavra. Nessa acepção, nosso objetivo é discutir o estatuto do discurso (auto)biográfico na sessão de psicanálise, verificando as condições presentes no valor biográfico para a resignificação do vivido. Discutimos, com isso, o papel transformador da alteridade e das axiologias objetivadas que se manifestam no dizer de si (auto)biográfico por meio do qual compreendemos a troca verbal em contexto psicanalítico.

Palavras-chave: Freudismo; Alteridade; Axiologias; (Auto)biografia; Psicanálise.

Abstract: Bakhtin and his Circle's interest towards psychoanalysis might bring relevant contributions to the studies held under Volóchinov's sociological method, under Bakhtinian metalinguistics, and under Medviédev's sociological poetics. Volóchinov, in *O freudismo*, counterargments psychoanalysis through the lens of discursive interaction. Verbalized answers that are exchanged between the analyst and the patient are seen as the common ground based on which interaction happens in a psychoanalysis session. Based on the relevance of verbal exchange in a psychoanalysis session, this paper relies on Volóchinov's perspective and understands verbal exchange between analyst and patient as the manifestation of (auto)biographical values within the utterance of the patient, to which the analyst responds. Thus, this paper's objective is to discuss the state of (auto)biographical discourse in the psychoanalytic context, verifying the conditions of biographical values to the resignification of life. We discuss alterity's transformative role, as well as the objectified values that are manifested in the patient's (auto)biographical utterances, based on which we understand verbal exchange in psychoanalysis.

Key-words: Freudism; Alterity; Values; (Auto)biography; Psychoanalysis.

Submetido em 20 de dezembro de 2020.

Aprovado em 25 de dezembro de 2020.

¹ Mestrando – PPGL da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul /CNPq. E-mail: eduardosilva.moll@gmail.com.

“As lembranças surgiam por si mesmas, eu raramente suscitava por vontade própria. Começava com algum ponto, um traço às vezes imperceptível, e então, pouco a pouco, torvava-se um quadro completo, uma impressão forte e integral. Eu analisava essas impressões, acrescentava novos traços àquilo que fora há muito vivido e, o principal, corrigia, corrigia, corrigia sem parar: nisso consistia a minha diversão”.

Mujique Marei, Dostoiévski.

Introdução

Nos anos 1920, Volóchinov volta sua atenção à psicanálise, buscando explicitar o intrínseco fenômeno sociológico nesta manifestação, em estreita ligação com a linguagem e suas práticas. Em *Do outro lado do social*, Volóchinov ([1925] 2019) lança uma visada sociológica à psicanálise, compreendendo o laço social engendrado desde o princípio nessa prática. O autor percebe no par psicanalítico (analista – analisando) a presença do “mínimo social” que concretiza o “pequeno mundo social” da sessão de psicanálise, no interior do qual, na e pela linguagem, “embates específicos” entre os sujeitos se desenrolam (VOLÓCHINOV, [1925] 2019, p. 97-101). Compreendemos que o autor prenuncia a tese de que a interação verbalizada entre analista e analisando constitui a sessão de psicanálise, uma das tônicas do esboço crítico de 1927. Tal tese demonstra sua preocupação com a interação discursiva no tocante às questões ideológicas, sendo a consciência uma dessas questões.

Em *O freudismo*, Volóchinov (1927) amplifica a discussão acerca do papel da linguagem na sessão de psicanálise, indicando ser o enformamento do enunciado, endereçado ao analista, um forte vetor terapêutico. Numa leitura da primeira tópica freudiana, Volóchinov compreende o método catártico como um movimento discursivo no qual o analisando “dá uma *expressão verbalizada e um desfecho verbalizado* àquilo que fora reprimido e isolado no seu psiquismo, agravando-o” (BAKHTIN, [1927] 2017, p. 31, grifos do autor). Numa visão global da sessão de psicanálise, mantém-se a tese do “pequeno acontecimento social” que a constitui, assim como a das interações complexas entre o par social, nas quais as enunciações trocadas em diálogo refletem “a *dinâmica social* das inter-relações do médico com o paciente” (BAKHTIN, [1927] 2017, p. 80, grifos do autor). Compreendemos que a interação discursiva na sessão de psicanálise abarca generalidades da interação cotidiana, como o diálogo entre sujeitos, mas também certas especificidades, como a possibilidade de trazer desfechos enunciativos ao vivido em resposta ao analista.

Assim como Volóchinov compreende o acontecimento psicanalítico circunscrito à interação discursiva, cujas especificidades das trocas verbais não negam as dinâmicas enunciativas da vida cotidiana, Bakhtin lança um olhar semelhante ao acontecimento artístico, analisando-o através de especificações de enformamento que não negam o caráter social da palavra. Nos escritos sobre (auto)biografia, Bakhtin ([1979] 2011) indica que esse movimento está presente na estética da vida e da arte, na objetivação de valores sobre o vivido a partir de um olhar extralocalizado do sujeito, como um *valor biográfico*. Enquanto valor, compreendemos que a (auto)biografia não se circunscreve ao gênero literário, mas indica um movimento discursivo de contemplação de si pelos olhos de outro, (re)construindo sentidos acerca do vivido e do outro. Esta será a concepção de (auto)biografia analisada neste trabalho.

Partindo disso, compreendemos que o conceito de (auto)biografia pode ser produtivo para pensar o acontecimento psicanalítico, visto que as especificidades de enformamento enunciativo sobre o vivido, de alteridade entre analista e analisado e de objetivação valorativa na psicanálise criam espaços para a transformação valorativa do sujeito sobre sua vida enunciada. Esse movimento pode ser pensado tendo em vista os enunciados endereçados ao analista, as respostas verbalizadas que tematizam, em condições específicas, a vida narrada do sujeito, sua (auto)biografia. Não desconsideramos as especificidades da (auto)biografia na literatura, a qual atualiza valores biográficos num enformamento estético. Discutimos a produtividade da análise do valor biográfico num fenômeno social em que a tematização da vida é privilegiada, podendo ser considerado para discutir as nuances do sujeito que diz sobre si na sessão de psicanálise.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir o estatuto do discurso (auto)biográfico na sessão de psicanálise. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, empreenderemos uma discussão teórica acerca da visada bakhtiniana sobre a (auto)biografia em diálogo com o campo da psicanálise, em especial no que tange ao processo terapêutico. No cumprimento deste objetivo, o artigo organiza-se da seguinte forma: na primeira parte, fazemos um breve percurso acerca da (auto)biografia, tendo como base *O autor e a personagem na atividade estética* (BAKHTIN, [1979] 2011). Na segunda parte, prestamos nossa contrapalavra a textos do campo psicanalítico, focalizando o arcabouço metapsicológico freudiano dos anos 1910 – 1920 e as novas perspectivas sobre a interpretação na psicanálise. Por fim, proporcionamos um balanço sobre a produtividade

do conceito de (auto)biografia enquanto valor biográfico atualizado no processo de cura pela palavra em contexto psicanalítico.

1 O valor (auto)biográfico na perspectiva bakhtiniana

Em *O autor e a personagem na atividade estética*, Bakhtin ([1979] 2011) discute o estatuto estilístico-composicional do autoinforme-confissão e da (auto)biografia nos períodos da Idade Média e do Renascimento, defendendo prevalecer nessas formas² o *valor biográfico* como princípio arquitetônico. Em nossa exposição do valor biográfico enquanto princípio da (auto)biografia, enfocaremos o papel do componente axiológico e da alteridade em sua manifestação nas formas concretas de narrar o vivido segundo valores biográficos concretamente objetivados, construindo sentidos sobre a vida enunciada, seja na arte, seja na vida. Organizaremos nossa exposição em três eixos expositivos, nos quais as axiologias e a alteridade serão por nós privilegiadas. São eles: (i) a extralocalização e a alteridade enquanto movimentos discursivos constituintes da (auto)biografia; (ii) o papel da axiologia e da alteridade no endereçamento do discurso (auto)biográfico e, por fim, (iii) a alteridade enquanto princípio de seleção temática das formas (auto)biográficas.

Segundo Bakhtin ([1979] 2011), os limites entre a biografia e a autobiografia tornam-se opacos quando se enfoca o princípio de ambas: o valor biográfico. Esse valor se manifesta em decorrência de o “eu-para-mim” não ser o eixo organizador do dizer em ambas as formas; pelo contrário, a (auto)biografia enquanto “forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e a minha vida” (op.cit., p. 139) impregna sentidos ao narrar de si, pois o sujeito olha para a sua vida com olhos de outro(s), de maneira extralocalizada. “O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro [...]” (op. cit., p. 23), visto haver uma distância entre os polos do eu e do outro; tal distância é responsável pela objetivação de sentidos na vida enunciada, direcionada tanto para o sujeito, quanto para o outro. Segundo Bakhtin, tal distância extralocalizada, a qual engendra o excedente de visão, é um componente ativo do valor biográfico.

² Em nosso artigo, entendemos “forma” enquanto princípio de enformamento do enunciado, uma manifestação discursiva que leva em conta os já ditos e as formas recorrentes de dizer ao se orientar na realidade. Essa perspectiva é mais minunciosamente defendida em Medviédev ([1928] 2012), ao propor uma estilística e uma poética sociológica.

O princípio da extralocalização dialoga com o processo empático-exotópico descrito em *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, [1920 – 1922] 2017b, p. 142), o qual indica o estatuto ao mesmo tempo alteritário e singular do agir humano: “a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro”, a qual implica, ao mesmo tempo, um afastamento e uma aproximação com o outro na tomada de posição axiológica na existência. No ato responsivo e responsável, os sentidos se concretizam no momento em que as axiologias se objetivam em resposta à alteridade, em diálogo. Logo, é possível perceber a representação do sujeito (eu-para-mim) e do outro no discurso (auto)biográfico a partir da manifestação do valor biográfico enquanto movimento que não se alija da alteridade e do distanciamento entre eu e outro; em outras palavras, mesmo que o eu fale de si, ele não coincide com o “si mesmo” a partir de onde narra.

Na perspectiva bakhtiniana, portanto, o valor biográfico alarga-se, contemplando vida e arte, visto que está presente em ambas as formas como uma tomada de posição axiológica que responde à alteridade e ao distanciamento em relação a si mesmo, objetivando sentidos. Por isso, tanto na vida quanto na arte o valor biográfico “pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 139). Podemos prospectar, portanto, nosso primeiro eixo expositivo: a extralocalização e a alteridade enquanto movimentos constituintes da (auto)biografia. As axiologias objetivadas nos sentidos a partir do narrar de si sobre o vivido indicam o papel ativo do “outro de mim” – “o outro possível, que se infiltrou na nossa consciência e frequentemente dirige nossos atos, apreciações e visão de nós mesmos ao lado do nosso *eu-para-si*” (op. cit., p. 140, grifos do autor). Por isso, Bakhtin indica que qualquer processo de rememoração é ativamente preenchido pelo “outro de mim”, a partir do qual as axiologias se objetivam, dado que desse outro nos distanciamos extralocalizadamente e com ele dialogamos alteritariamente.

Não devemos, com isso, acreditar que a (auto)biografia seja uma forma monológica e subjetivista. Bakhtin indica que o “outro de mim” e o “outro possível” estão em tenso diálogo com o “mundo dos outros”. Por isso, esse “outro” cumpre um papel relativo de voz de autoridade em minha consciência, visto que não é tomado por mim como um *instrumento*, mas como um fato da realidade sociocultural, o qual não se

pode ignorar. “Não sou eu mas o outro, investido de afetuosa autoridade interior em mim, quem me guia, **e eu não o reduzo a meios** (não é o mundo *dos outros* em mim mas sou eu no mundo dos outros, familiarizado com ele); não há parasitismo” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 141, negrito nosso). Compreendemos, assim, que a (auto)biografia não emula a vida, mas é uma forma estética (tanto da vida, quanto da arte) que se manifesta como um evento sociohistórico. Neste, a alteridade e a existência não se instrumentalizam para enformar o que se narra, mas se articulam com os próprios motivos valorativos manifestos no discurso autoral irrepitível do sujeito (auto)biografante. Podemos dizer que quando o eu enuncia sobre si mesmo, o outro e seu mundo ecoam a cada palavra, indicando a singularidade, o não-álibi daquele que se (auto)biografa ou que é (auto)biografado.

Dado que a condição de singularidade do sujeito no mundo cultural é princípio ativo da (auto)biografia, a ponte com o outro também deve ser ativamente considerada na manifestação estilístico-composicional do enunciado nessas formas. Portanto, o dizer de si é duplamente endereçado, tanto ao “outro-de-mim”, quanto ao “outro”, ao “mundo dos outros”. Tal endereçamento efetua a extralocalização do outro em relação a mim como parte essencial dos sentidos manifestos na (auto)biografia. Bakhtin defende que a (auto)biografia tem em seu horizonte discursivo um “leitor íntimo” que ocupa a posição de autor, mas também compreendemos que um supradestinatário seja contemplado no processo de percepção de si no mundo: “A percepção costuma completar a posição do autor até atingir a plena distância axiológica e insere elementos transgredientes mais substanciais e concludentes” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 152). Nisso, contemplamos nosso segundo eixo expositivo: o papel da axiologia e da alteridade no endereçamento do discurso (auto)biográfico. O plano aperceptivo do autor leva em conta os valores seus e do outro quando de si se distancia para narrar-se; nesse horizonte de percepção, a posição extralocalizada do “outro-de-si” e do “mundo dos outros” participam ativamente na conclusibilidade relativa da visão do sujeito sobre o vivido no momento da enunciação, tecendo a maneira como o discurso se organiza para objetivar sentidos.

Em decorrência do que fora acima exposto, papel ativo do outro no narrar de si também é por nós observado em nosso terceiro eixo expositivo: a alteridade enquanto princípio de seleção temática nas formas (auto)biográficas. Entendemos que o papel do outro instaura sua visão outra no plano de apercepção do sujeito (auto)biografante, sempre nova e não-coincidendo, indicando maneiras outras de (auto)biografar-se.

Quando o eu se extralocaliza de si mesmo, endereça-se ao “outro de si” e a outro(s) mais ou menos imediatos, encontrando, no horizonte do outro, possibilidades novas de dizer-se, as quais extrapolam o “pacto de verdade” com a vida. Em outras palavras, o papel ativo do outro amplia o escopo da (auto)biografia para além de uma memorialística fidedigna do vivido – se é que tal é possível.

Compreendemos isso com base no papel da fabulação na (auto)biografia de tom aventureso, a qual difere da de tom social- de costumes³. Como indica Bakhtin ([1979] 2011), a suposta factualidade do que se narra não se confunde com a consciência renovada do narrado em estado de devir, visto que ao enformarmos (auto)biograficamente uma narrativa, abrimos um espaço para a fabulação em tom aventureso, novo, dinâmico. Lemos: “Onde o processo vital é axiologicamente conscientizado e preenchido com conteúdo, temos a fabulação como série axiologicamente afirmada de realizações da vida, do dado da riqueza de conteúdo da vida em formação” (op.cit, p. 145). Em outras palavras, a vida (auto)biografada é transgrediente ao passado e vice-versa; por isso, essa forma não tem como agenda a factualidade, mas a inconclusibilidade típica do dizer, sua inexauribilidade temática.

De nossa breve exposição, podemos concluir que a (auto)biografia não instaura um olhar tematicamente conclusivo em relação ao vivido, mas abre espaço para o novo a partir da conscientização de si e do outro no enformamento enunciativo estilisticamente concludente do discurso, seja na vida, seja na arte. Trata-se de colocar em palavras relativamente concludentes a inconclusão de uma vida, que pode ser compreendida axiologicamente pelo distanciamento exotópico. “O mundo da biografia não é fechado nem concluído, não está isolado do acontecimento único e singular da existência por fronteiras sólidas e de princípio (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 152); logo, a dinamicidade da vida e a alteridade proporcionam visadas novas acerca de si e do outro a cada vez que o eu, o outro e a vida irrompem no discurso como princípios temáticos e estilístico-composicionais.

Com isso, compreendemos que a extralocalização do sujeito em “outro-de-mim”, em diálogo com o “mundo do outro” e endereçado a um ‘outro’ proporciona caminhos para relativizar a “voz de autoridade” que concluiria os sentidos da existência

³ Bakhtin ([1979] 2011, p. 142) enfoca duas formas (auto)biográficas, a “aventuresca-heróica” e a “social-de-costumes”, distinguindo-as quanto ao papel da fabulação no dizer. Ambas as formas não veem a factualidade como princípio, embora a primeira seja mais dinâmica em relação ao vivido, enquanto a segunda, mais descritiva.

rememorada. O dizer (auto)biográfico dialoga com a existência vivida e a reorganiza em tons axiológicos e estilístico-composicionais. A voz de autoridade concludente que faz vida algo que não pode ser narrado, ou como algo que só pode ser narrado de uma determinada forma, relativiza-se com a postura dialógica do sujeito que olha pra si com olhos de outro. A nova maneira de enunciar e ver a vida na (auto)biografia indica caminhos para objetivar, no presente da enunciação, valores outros acerca do vivido, ressignificando-o.

2 O valor biográfico em diálogo com a psicanálise

Para compreendermos a extralocalização e a alteridade enquanto movimentos discursivos constituintes da (auto)biografia na sessão de psicanálise, destacamos o papel da recordação na terapia proposto por Freud ([1914] 2010) em *Recordar, repetir e elaborar*. Nesse texto, Freud afirma ser comum o desprezo e a evitação aos sintomas por parte do analisando quando em tratamento, visto ter encontrado não só resistências ao lidar com seu material psíquico, mas também certa angústia ao deparar-se com a repetição dos sintomas à revelia do agir consciente. Por isso, é indicado que o analisando olhe genuinamente para sua condição, para que esta não seja desprezada, mas tornada uma “adversária digna”, “uma parcela do seu ser fundamentada em bons motivos de que cabe extrair algo valioso para sua vida futura” (FREUD, [1914] 2010, p. 203). Nisso reside o papel do tempo de análise: “É preciso dar tempo ao paciente para que ele se enfronte na resistência agora conhecida, para que a elabore, para que a supere, prosseguindo o trabalho apesar dela, conforme a regra fundamental da análise” (op. cit., p. 207 -208).

Como um herói que olha temerosamente ao “outro-de-si” rememorado no dizer de si (auto)biográfico, a extralocalização é condição para o ativismo do sujeito, que supera seu medo. Com a distância empático-exotópica, o analisando compreende ser possível enformar estilístico-composicionalmente o vivido, assim como objetivar novas axiologias concludentes a partir do olhar do “outro de si” e do “mundo dos outros”, mesmo que isso o angustie à primeira vista. Logo, o analista cumpre papel primordial por prestar uma contrapalavra que dialoga com a voz relativamente autoritária do “outro de si” do analisando – local de resistências, evitações e medos –, mostrando que essa narrativa também pode ser enunciada no “mundo dos outros”, a partir de novas objetivações axiológicas. A narrativa (auto)biográfica pode, assim, irromper na história

e não ficar reclusa num subjetivismo ideologicamente desestruturado, porque não socializado, como previa Volóchinov em sua avaliação prévia sobre a natureza social humana (BAKHTIN, [1927] 2017b)⁴. Vencer a resistência, nesse sentido, pode ser pensado como o movimento do analisando trazer à enunciação o “outro de si” antes não pensado, não elaborado, enformando-o em signos compartilhados, ideológicos.

Dando continuidade à nossa análise, enfocamos agora o papel da axiologia e da alteridade no endereçamento do discurso (auto)biográfico na sessão de psicanálise. Em *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*, Freud ([1912] 2010) indica caminhos para a prática psicanalítica com base na “regra de ouro”, o método da livre associação. O objetivo desse método é vencer as barreiras das resistências e enfrentar os conteúdos recalçados da psique a partir de um olhar não restritivo ao que pode ser dito na sessão. Lemos:

Assim como este [o analisando] deve comunicar tudo o eu sua auto-observação capta, suspendendo toda objeção lógica e afetiva que procure induzi-o a fazer uma seleção, também o médico deve colocar-se na posição de utilizar tudo o que lhe é comunicado para os propósitos da interpretação, do reconhecimento do inconsciente oculto, sem substituir pela sua própria censura a seleção a que o doente renunciou” (FREUD, [1912] 2010, p. 155- 156).

Em termos bakhtinianos, podemos compreender que analista e analisando, ambos ocupando sua singularidade no existir, engajam-se nos acordos internos à análise para redirecionar possíveis posições valorativas concludentes que o analisando pode vir a ter quando extralocalizado de si mesmo ao construir sua (auto)biografia. O excerto de Freud vai ao encontro com a tese de Volóchinov de que os problemas da consciência são as dificuldades de estabelecimento de “contatos verbalizados” com determinadas áreas da vida social. A atividade duplamente engajada de fala e escuta na sessão de psicanálise visa, a nosso ver, a dirimir as fronteiras entre o que pode ou não ser dito, relativizando a voz de autoridade que advém do “outro de mim” e do “mundo dos outros”. Essa relativização é respaldada também pela técnica da livre associação, um regime de endereçamento enunciativo que privilegia novas atitudes valorativas do sujeito em face ao *quê* e *como* algo pode ser dito. Dado que a palavra funda um laço

⁴ A avaliação prévia a que nos referimos é o ponto de partida de Volóchinov a sua contrapalavra crítica ao freudismo. Trata-se de uma proposição que guia seu esboço crítico à psicanálise, a qual, em seu artigo de 1925, era descrita como um universo à parte do todo social. Lemos: “*O indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social, na classe e através da classe. [...] É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social [do homem]*” (BAKHTIN, [1927] 2017b, p. 11).

entre a consciência individual e os sentidos coletivizados, o próprio ato de verbalizar faz irromper no pequeno acontecimento social psicanalítico as pontes entre o eu e o outro, as quais, segundo Volóchinov, estruturam a consciência.

Compreendemos com isso que a extralocalização e a alteridade fundantes do ato da (auto)biografia potencializam a estruturação ideológica e compartilhada do dizer por conta do endereçamento enunciativo ao analista. Este presta sua contrapalavra verbalizada ao que se enuncia ainda com constrangimento, dor ou evitação e, por conta da regra da livre associação, desafia os limites verbalizados entre os campos da vida social. Também, o método da livre associação acena a uma especificidade do discurso na sessão de psicanálise, pois cria condições de endereçamento não presentes nos demais gêneros discursivos. Logo, novas possibilidades de objetivação axiológica são possíveis no interior da sessão de psicanálise, visto que os valores mais ou menos recorrentemente objetivados dizer de si dos demais gêneros se relativizam em termos de possibilidades *do que pode ser dito* – e de *como pode ser dito* – em face ao analista.

Por fim, para discutirmos a alteridade enquanto princípio de seleção temática das formas e dos conteúdos do narrar de si – aspecto que se relaciona intrinsecamente com o endereçamento do discurso acima exposto – destacamos o papel do *novo* que o laço alteritário entre analista e analisando instaura no discurso (auto)biográfico. Segundo Nunes, Ferreira e Peres (2009), o papel interpretativo do analista tem mais a ver com a provocação de sentidos outros sobre o sujeito do que com uma simples tradução do inconsciente em consciente. Lemos:

A interpretação aponta para algo que, apensar de esquecido, parasita todo o discurso do paciente. Cabe salientar neste ponto que, ao contrário daquilo que supõe o senso comum, **a interpretação psicanalítica não corresponde a uma atitude arbitrária do analista.** O psicanalista não é o detentor das chaves que abrem o inconsciente. No dispositivo analítico, seu lugar é o do provocador/pontuador cujo objetivo primordial é suscitar associações por parte do analisando (NUNES; FERREIRA; PERES, 2009, p. 445, grifos nossos).

A consideração do papel ativo do analista, que figura no campo aperceptivo do analisando, não se instrumentaliza ou se objetifica, mas preenche uma condição igualmente singular na existência e, assim, constrói conjuntamente as possibilidades do dizer de si do analisando. É nesse sentido que lemos o papel da interpretação na psicanálise para além de um aparato técnico, arbitrário, do dispositivo analítico, em consonância com os autores citados. O não-álibi no existir do par analítico, assim como

a singularidade de cada momento enunciativo deixam marcas no discurso (auto)biográfico co-construído em terapia; logo, a unicidade das verbalizações do analisando sobre si e sobre o outro abrem espaço ao *novo* que pode ser objetivado axiologicamente. Acreditamos que o papel do outro analista tenha função primordial de instar, na relação de alteridade em que se engajam os partícipes da sessão de psicanálise, um espaço em que a suspeita, a provocação e as novas associações irrompem na história concretamente, batizadas pela contrapalavra engajada do analista.

Nesse sentido, a (auto)biografia encontra caminhos para os tons aventureiros de que trata Bakhtin, por conta da instauração de um novo regime de factualidade-fabulação-(re)valoração, mais ou menos orientado pelos encaminhamentos do “pequeno acontecimento social” da sessão de psicanálise. Nesse movimento, a “série axiologicamente afirmada de realizações da vida” – o vivido – não se contrapõe à “riqueza da vida em formação” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 145) – o que se vive na sessão de psicanálise, mas irrompe pela primeira vez a possibilidade de fabular, de provocar o novo. Esse *novo* traz em si as marcas enunciativas do pacto analítico intersubjetivo firmado no gênero sessão de psicanálise. Acreditamos que o poder terapêutico da (auto)biografia na sessão de psicanálise efetua-se nessa dia-lógica de novas possibilidades de objetivações axiológicas sobre o vivido, ressignificando-o.

Considerações finais

A ubiquidade da palavra nos múltiplos acontecimentos sociais é uma tônica dos escritos de Bakhtin e do Círculo, provocando-nos a pensar o papel do diálogo e da enunciação também na sessão de psicanálise. Tal ubiquidade acompanha a inconclusibilidade da vida, que não se instrumentaliza, mas atua ativamente na construção de sentidos da (auto)biografia na sessão de psicanálise, instando a alteridade e os valores objetivados como componentes do posicionamento *novo* do sujeito acerca de si mesmo e do outro. Com nossa discussão, podemos concluir que, em contexto terapêutico, o analisando, em resposta ao analista, é convidado a olhar extralocalizadamente para o “outro de si mesmo” com o respaldo da relação de alteridade construída com o analista. Essa relação não só assegura o movimento muitas vezes doloroso de narrar o vivido, mas também refrata sentidos novos ao que se diz sobre si.

Mostramos, assim, a produtividade do valor biográfico na sessão de psicanálise, propondo o discurso (auto)biográfico como uma co-construção, dado que a palavra carrega o laço com o social e a vida instaura a alteridade como o meio no qual o sujeito se (re)constitui, (re)enforma. Nesse sentido, o acontecimento social da psicanálise, como prevê Volóchinov, pode ser compreendido como a possibilidade de socializar verbalmente, mesmo que no pequeno par psicanalítico, o que ficaria alijado do outro, do mundo dos outros, das ideologias mais ou menos estruturadas *da e na* interação verbal. O valor autobiográfico instaura-se na narrativa desenvolvida na sessão de psicanálise, indicando caminhos para que o dizer de si possa irromper na história como uma resposta do sujeito a si mesmo e ao outro, elaborando o vivido. Nesse sentido, a vida na autobiografia enforma-se estilístico-composicionalmente e objetiva valores na conclusibilidade temática acerca do vivido; o objeto, entretanto, não se exaure na palavra, mas permanece relativamente conclusivo como réplica do diálogo manifesto entre analista e analisado. Dito de outra forma, a vida ressignificada permanece em estado de diálogo inconclusivo no espaço (auto)biográfico – e, nisso, adquire caráter de *novidade*, de possibilidade, de transformação.

Por fim, reafirmamos nossa posição de que, na sessão de psicanálise, o espaço autobiográfico abarca pelo menos dois sujeitos, o analista e o analisado, que se manifestam como olhares exotópicos acerca do vivido, do “outro-de-si” do analisado. O caráter aberto e intersubjetivo do narrar de si na sessão de psicanálise abre espaço para a contrapalavra ativa do analista na objetivação de valores. O analista é a contrapalavra que ecoa na réplica do sujeito ao “outro de si”, fazendo do herói da (auto)biografia um personagem narrado/enunciado a duas mãos/vozes, embora assumido pelo autor criador/analisado no seio de sua responsabilidade: *é a minha vida, (re)contada*. Acreditamos que essa vida ressignificada não se exaure nos novos valores objetivados, mas segue aberta ao diálogo. *Porque* novos valores foram objetivados, essa vida pode ser compreendida como passível de outras narrativas, sempre aberta à vida e à alteridade transformadora. Do pequeno acontecimento social da sessão de psicanálise, o valor biográfico refrata-se na vida como possibilidade. Poder narrar e renarrar o vivido, socializando novas axiologias sobre si e sobre o outro, parece ser uma conquista da (auto)biografia na sessão de psicanálise.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato Responsável* (1920 – 1922). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017b.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: um esboço crítico* (1927). Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Perspectiva: 2017.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Mujique Marei (1876). In: _____. *Contos reunidos*. Org. Fátima Bianchini, Trad. Priscila Marques et. al. São Paulo: Editora 34, 2018.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”)*: artigos sobre técnica e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1911). In: _____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”)*: artigos sobre técnica e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (1928). Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

NUNES, Tiago Ribeiro; FERREIRA, Renata Wirthmann Gonçalves; PERES, Wesley Godoi. A Suspeita em Freud: o estatuto da interpretação em psicanálise. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40. N. 4, pp. 443 – 448, out/dez, 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. Do outro lado do social: sobre o freudismo (1925). In: _____. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.